

# UM RITUAL EM PERSPECTIVA : OS USOS DO BATISMO NA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA (CURITIBA/PR)

A RITUAL IN PERSPECTIVE: THE USES OF THE BAPTISM IN THE BRAZILIAN CATHOLIC APOSTOLIC CHURCH

*Hyago Sarraff de Lion\**

**Cite este artigo:** LION, Hyago Sarraff de. Um ritual em perspectiva: os usos do batismo na Igreja Católica Apostólica Brasileira (Curitiba/PR). **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2 , p.123-137, 27 de março. 2016. Semestral. Disponível em: <[www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)>. Acesso em: 27 de março de 2016.

**Resumo:** O batismo é o ritual de entrada para o catolicismo, sem o qual não se faz parte desta religião. Contudo, uma análise mais detida pode revelar que seu potencial simbólico se constitui com significados que vão além de estar em uma dada ordem institucional. Este artigo tem como objetivo investigar os diferentes sentidos do batismo na Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB), em Curitiba/PR, a partir de Certeau e da teoria bourdieusiana sobre o ritual, demonstrando as esferas de atuação e instauração do batismo neste contexto etnográfico.

**Palavras-chave:** catolicismo, batismo, ICAB.

**Abstract:** The baptism is the entrance ritual in the Catholicism, without are not part of this religion. However, a more detailed analysis may reveal that this potential symbolic is constituent with many meanings beyond an institutional order. This paper aims to investigate the differents meanings of the baptism in the Brazilian Apostolic Catholic Church (ICAB), in Curitiba/PR, from Certeau e ritual theory of Bourdieu, showing the spheres of activity and establishment of baptism in this ethnographic context.

**Keywords:** catholicism, baptism, ICAB.

**D**omingo[1], 2011. A missa dominical matutina estava cheia, como sempre. Olhei ao redor buscando rostos conhecidos e um casal especialmente me chamou atenção. Ainda estava no início da minha pesquisa de campo e intentava, na ansiedade de um iniciante, encontrar o que quer que fosse. Como estavam sentados próximo a mim, ficou prático para que pudéssemos conversar. Era Berta, e seu esposo, avós de uma criança. Primeira vez na Paróquia de Santo Expedito, foram batizar o seu neto. Notou especialmente a simplicidade da igreja em relação às “novas igrejas modernas”. Quem realmente conhecia a igreja era o genro. De origem luterana, Berta casou-se com seu marido nesta igreja protestante e criou seus filhos

lá. O genro, contudo, era católico romano, e os padrinhos evangélicos. Disse-me, nesta mesma conversa, o seguinte:

B.: “Como eu te disse, meus pais eram luteranos, eu fui criada como luterana, e criei meus filhos como luteranos. Meu genro é católico e o padrinho da criança é crente”.

H.: “E a senhora se incomoda por batizar na Igreja Católica Brasileira?”.

B.: “Não tem problema. É tudo a mesma coisa. [...] Sem o batismo, ela não tá em Deus. E daí ela não pode ser luterana, nem crente, nem nada. Ela não é nada, é uma ateaia”.

Foram falas como esta que me despertaram o interesse em entender melhor os sentidos do batismo na Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB). Comecei a fazer campo em junho de 2011 – campo este que durou até dezembro de 2013 -, e na época ia com maior frequência na missa dominical matutina, por ser a celebração semanal[2] que apresenta o maior número de pessoas, já que tem como sequência o batismo. Ainda não sabia exatamente, além da pouquíssima bibliografia que encontrei, o que era esta religião e me intrigava o número de crianças que estavam sempre presentes nos colos de adultos e a grande circulação de pessoas. Durante o primeiro mês, tinha dificuldade em encontrar rostos recorrentes entre um domingo e outro, foi apenas quando comecei a ser identificado nas outras celebrações semanais que pude perceber as dinâmicas constituintes da igreja. Os outros frequentadores[3] da paróquia não eram muito abertos a falar sobre estes que “vem e vão”, sem estar mais, com frequência, na igreja. A única coisa que eu sabia é que eles lá estavam em virtude do batismo. Outro fato que percebia é que havia na fala das pessoas uma certa “facilidade” em batizar na ICAB, algo que depois descobriria eu resulta da própria constituição institucional desta religião e de como ela se pensa.

Este artigo busca apresentar algumas reflexões sobre os significados que as pessoas atribuem ao batismo na diocese curitibana da ICAB, a Paróquia de Santo Expedito. Para isto, dividirei o texto em três grandes partes: uma histórica do catolicismo apostólico brasileiro enquanto religião; uma segunda parte destinada à descrição do batizado em si; e na terceira parte, a partir do conceito de uso em Certeau e de ritual em Bourdieu, entender os sentidos e significados dos diferentes agentes acerca do batizado, pensando-o como um ritual de instituição, ou seja, que institui simbolicamente papeis, marcas e lugares.

## **1. De 1940 à atualidade: a constituição histórica da Igreja Católica Apostólica Brasileira**

“Vinde a mim vocês cansados e oprimidos. Eu os aliviarei” (Mt: 11, 28). É com esta passagem bíblica que a Paróquia de Santo Expedito, no bairro Tingui, numa região quase totalmente residencial de classe média e média baixa da Região Norte de Curitiba, recebe os seus frequentadores. Pertencente à Igreja Católica Apostólica Brasileira, a paróquia passa despercebida acerca de suas especificidades institucionais para o visitante desavisado. Porém,

quem a conhece sabe que ela faz parte desta religião que possui quase setenta anos de história e relativa expressividade numérica no campo religioso brasileiro[4].

A fundação da ICAB data de 1945, em um momento sociopolítico conturbado para a Igreja Romana[5]. Seu fundador, Dom Carlos, ilustra um pouco sobre o que esta igreja tem como valores e ideais. Dom Carlos era bispo da Igreja Romana e apesar da sua carreira eclesiástica, não deixou de se posicionar politicamente, inclusive contra o papado. Suas ideias eram bastante enfáticas contra dogmas que a Igreja pressupunha(õe), como por exemplo a questão do celibato dos sacerdotes. “Dai a César o que é de César, e dai a Deus o que é de Deus”[6], acreditava em sua teologia que se a Bíblia defendia a tal ponto o casamento e que esta aparecia com um papel fundamental na constituição desta religião, não poderia ser delegada à igreja a função de cerceá-lo. Dom Carlos chegou a ser preso acusado de comunismo durante a era Vargas. Este período também foi marcado pela sua cisão oficial com a Igreja Romana. Denunciando a Operação Odessa – em que a Igreja Romana, por efeito da criação do Estado do Vaticano, auxilia na fuga de muitos oficiais nazifascistas para a América -, Dom Carlos se coloca abertamente contra a Igreja Romana e funda a Igreja Católica Apostólica Brasileira, no intento de uma interpretação do catolicismo para a lógica religiosa brasileira. Junto a isto, Dom Carlos é excomungado pelo papa Pio XII.

À época de sua excomunhão, Dom Carlos publica uma carta aberta, ao povo brasileiro, intitulada *Manifesto À Nação* (1945), em que expõe as suas concepções sobre a religião no Brasil e traz o ato fundador do Catolicismo Apostólico Brasileiro. Nele, busca salientar a ICAB como uma religião que respeita[7]:

o princípio da mais ampla liberdade de pensamento, em matéria religiosa, civil, política, científica e filosófica, não podendo qualquer pessoa ser inquirida, sob nenhum pretexto, com relação as suas crenças, para que não fique condicionado ou limitado qualquer direito ou dever (Costa, 1945).

Com este perfil, a ICAB cria um herói mítico, que defende o “verdadeiro catolicismo”, em um campo em que é constantemente atacado por um “falso cristianismo”, o qual buscaria a manutenção de uma estrutura de poder contra a população em vez de, na leitura da teologia de Dom Carlos, dar uma igreja para as pessoas. O que essencialmente diferenciaria uma da outra seria a constituição: Dom Carlos defendia uma igreja que fosse feita a partir das necessidades das pessoas e não as regulasse, que pudesse ser acessada e constituída de diferentes maneiras, sem dogmatizá-las, embora possa oferecer instrumentos para quem o quiser.

Desta forma, a ICAB se torna atrativa em virtude dos seus serviços religiosos, já que estes não demandam uma necessidade prévia de aprovação institucional. Durante os anos 1970-80, a ICAB ficou largamente conhecida como a igreja que casa divorciados[8], já que não importa, aqui, se uma pessoa é divorciada, ela tem um lugar religioso neste contexto. O mesmo argumento serve na questão do batismo: enquanto, num plano institucional idealizado de como

o Catolicismo Apostólico Brasileiro vê o Romano, um filho de duas pessoas não casadas não poderia receber o primeiro e mais importante sacramento eclesialístico, na Brasileira isto não está em questão, pois qualquer pessoa que não passou por este ritual pode ser batizada.

Os frequentadores ávidos da ICAB curitibana sabem que esta é uma igreja diferencial em relação à Romana, frequentam-na por causa disto e fazem questão de enfatizar. Os sacramentos, desta maneira, tão importantes no catolicismo, são de acesso independente aos atos das pessoas – os católicos brasileiros advogam muito acerca do livre-arbítrio, pois Deus o dá e não pode tirá-lo. A importância e compreensão destes rituais aparecem também em sua constituição interna, artigo quarto, parágrafo terceiro, sob o qual a ICAB tem a seguinte finalidade: “ministrar os sacramentos, sinais da divina graça”. Vistos, assim, como momento de intervenção do sagrado na vida do frequentador, os sacramentos são tidos por eles como rituais diretos de acesso com o divino, ou melhor, são os *sinais da divina graça* na vida do fiel, e não cabe a ninguém cerceá-los.

## 2. Descrevendo o batizado

Nas minhas incursões a campo, estabeleci uma relação de bastante proximidade com os frequentadores mais assíduos da Paróquia de Santo Expedito, aqueles que se declaram católicos brasileiros e constituem um grupo político forte. Para eles, ter um pesquisador estudando a paróquia parecia como “um olhar da universidade para nós”, como me disse uma interlocutora certa vez. E foi a partir deles que tentei entender o que acontecia com o batismo nesta igreja. Recebia respostas evasivas do tipo “É, alguns não voltam”, mudavam rapidamente de assunto ou então sugeriam que eu fosse falar com Dom Áureo. O bispo da diocese de Curitiba funcionava como uma espécie de censor: quando não queriam falar sobre algum assunto, sugeriam que eu fosse falar com o clérigo, ele daria sempre a melhor resposta. Assim, numa de minhas entrevistas com o bispo, perguntei sobre essas pessoas que iam à igreja, batizavam e nunca mais voltavam, pessoas estas que genericamente eu comecei a nominar de “batizados”, categoria que fala de um uso próprio dos serviços e da igreja. Ele olhou para o lado, suspirou longamente e respondeu: “eles vêm, batizam e vão embora! Nós cumprimos nossa missão, se eles não, vão ter que se ver com Cristo”.

Este assunto, como fica claro, era tabu. O uso “descompromissado” deste ritual coloca em xeque a própria constituição política da ICAB: quebra com o catolicismo que pretendiam, ao pensar que o batismo é uma maneira de arremeter frequentadores, e por outro lado não é possível que se cerceie o direito das pessoas de usar este ritual sem filiação com a Igreja Brasileira. Creio que vem disto o tabu em falar do batismo. Fato é que boa parte do sustento da paróquia advém dos batismos realizados: a cada domingo são cerca de 20 batismos, para os quais se cobra 50 reais. Não é permitido que se tire fotos durante o ritual, apenas o fotógrafo oficial da paróquia pode fazê-lo, e para obtê-las é necessário mais 50 reais. Ao contrário, porém, da Igreja Católica que exige que os padrinhos façam um cursinho de final de semana, a única

outra exigência para o batismo na ICAB é assistir à missa dominical que precede esse ritual. Durante o período em que estive em campo, houve apenas dois casamentos na paróquia – aos quais o sedento pesquisador não foi convidado – e nenhum outro serviço como crisma e primeira comunhão foi realizado[9].

As únicas exigências para a realização do batismo na ICAB é assistir à missa matutina que precede o seu batismo - não havendo necessidade de curso, pertencer à comunidade ou assistir a qualquer outra missa na paróquia -, e o pagamento de taxa de inscrição. Na época, isto poderia ser feito pouco antes do início da missa e era em virtude disso que se formava a imensa fila. Com o incômodo dos outros frequentadores, passou-se a fazer a inscrição somente durante a semana. Além das filas, que agora não fazem mais parte do cotidiano da paróquia, as missas dominicais são marcadas pelos longos choros de crianças de colo, que muitas vezes obscurecem a fala do próprio celebrante do dia.

Com o término da missa matutina, há cerca de vinte minutos de intervalo. O batismo ocorre com várias famílias ao mesmo tempo, a cerimônia não é individual. Passado o intervalo, a secretária da paróquia dirige-se para o púlpito e organiza as famílias nos bancos de acordo com a ordem alfabética, cada banco para uma família. No meio ficam os pais, e nas pontas os padrinhos, a madrinha com a criança no colo. O celebrante, sacerdote vinculado à paróquia e responsável pelo ritual no dia, não veste nenhuma batina especial.

O ritual do batismo, composto de vários ritos como os próprios párocos descrevem, tem início com a canção de entrada para o celebrante entrar no altar. O canto é o mesmo utilizado na entrada do celebrante nas outras missas. O pároco que batizará se curva diante do altar e volta-se para as famílias na igreja. Após o cântico, dirige um pequeno sermão sobre a importância do batismo e a função dos padrinhos, as falas costumam ser bem padronizadas. O batismo, nesta visão, versa sobre a entrada da criança no mundo religioso e seu reconhecimento para com Deus, estar sob “os auspícios da graça divina”. Os padrinhos têm a função, como adultos, de dar amparo e orientação à criança na caminhada pela vida espiritual. São os zeladores perante o sagrado.

O segundo momento, ou o rito das palavras, é a bênção das crianças, dos padrinhos e das famílias. O celebrante lê uma parte dos Salmos e do Evangelho, dependendo da situação durante o ano. Duas passagens foram bastante enfatizadas durante o período de análise: o Salmo Responsorial 22 – altamente famoso na liturgia católica -, e o Evangelho segundo João, capítulo 3, versículo de 1 a 6[10]. Aqui também o celebrante faz a bênção da água que será usada para banhar a cabeça do batizando. Esta água se transfigura, então, na água tocada pelo divino e por isto tem efetivos poderes para transformar o batizando em um cristão. No momento posterior, pede-se que a madrinha segure a criança enquanto o celebrante desce do altar e faz um sinal da cruz no peito do batizando, na unção pré-batismal. De acordo com a fala dos sacerdotes da ICAB, este momento de unção simboliza a força de Cristo entrando num primeiro

contato com a criança até então sem qualquer tipo de simbolização divina. É neste momento específico do ritual, também, que os padrinhos são inquiridos sobre estarem preparados para o papel perante o ministério eclesiástico. São questionados da seguinte forma: “Padrinho e madrinha, vocês estão preparados a colaborar com os pais na missão ajudar a criança a crescer na fé?”. Os padrinhos, por sua vez, respondem: “Sim, estamos”.

O terceiro e mais importante rito é o batismo propriamente dito. O pároco dirige-se para a pia batismal, localizada na entrada da paróquia, e a secretária encaminha as famílias de acordo com a ordem nas fileiras. As crianças e suas famílias são levadas para a pia, momento em que a madrinha segura a cabeça da criança e o pároco derruba a água de uma jarra em sua cabeça recitando: “Eu te batizo em nome de Pai, do Filho, e do Espírito Santo”. O sal é oferecido à criança, coloca-se na boca, e diz: “Vocês são o sal, a terra e a luz do mundo. Amém”. Em seguida, abençoa a criança com o sinal da cruz. Estrategicamente posicionado, o fotógrafo oficial da paróquia registra todos os instantes para vendê-los à família.

O rito batismal é sistematicamente reproduzido para todas as famílias ali presentes. Ao término do rito, o celebrante dirige-se novamente ao altar e de lá encerra o ritual orando o Credo em nome das crianças, pais, padrinhos e abençoando-os.

### 3. Um ritual em perspectiva

Mas, afinal de contas, por que aquelas pessoas, que não costumavam mais aparecer na paróquia, buscavam o batismo na ICAB sendo este um sacramento não reconhecido pela Romana e que a secretária da paróquia, Salete, dava bastante ênfase todas as vezes que alguém se inscrevia? Realmente, não fazia ideia de que caminho tomar, só mesmo conversando com as pessoas e observando muitos batismos. Ao longo do período já citado de campo, foram realizadas cerca de 70 entrevistas, entre conversas formais e informais. Agrupei as respostas em termos de recorrências e descontinuidades. Para entendê-las, contudo, é necessário que antes retomemos uma noção. Michel De Certeau (1994) desenvolve a noção de “uso” para dar conta do jogo inventivo que as pessoas fazem à revelia das formas cabais que as instituições lhes dão. Define da seguinte maneira:

Como na literatura se podem diferenciar “estilos” ou maneiras de escrever, também se podem distinguir “maneiras de fazer” - de caminhar, ler, produzir, falar, etc. Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível (por exemplo, o sistema da indústria), mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro (é o que acontece com a “sucata”). Assimiláveis a modos de emprego, essas “maneiras de fazer” criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes. Assim, as “maneiras” de habitar (uma casa ou uma língua) de sua Kabília natal, o magrebino que mora em Paris ou Roubaix as insinua no sistema que lhe é imposto na construção de um conjunto residencial popular ou no francês. Ele os superimpõe e, por essa combinação, cria para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe

impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos. Essas operações de emprego – ou melhor, de reemprego - [...] gosto de dar-lhes o nome de usos (De Certeau, 1994, p. 87).

Uso, então, refere-se às significações que as pessoas dão de diferentes formas. Sabemos muito bem que o batismo possui um sentido, por vezes fixo no catolicismo, e este não nos interessa neste momento, o objetivo é compreender quais são as significações que as pessoas estão dando ao batismo, ou seja, quais usos fazem deste ritual. É justamente neste jogo de usos que se acaba tendo diferentes perspectivas de um mesmo ritual, ou mesmo rituais diferentes. Os discursos estão reunidos, assim, de acordo com os diferentes usos que as pessoas do ritual fizeram.

O primeiro grande ponto que a maioria dos batizados referiam quando se pergunta “por que batizar na ICAB?” é a facilidade com que podem acessar este serviço no Catolicismo Apostólico Brasileiro. Num primeiro contato superficial, costuma ser esta sempre a resposta. Maria Eunice e Francisco, padrinhos de crianças diferentes a serem batizadas, da seguinte maneira:

M.: “Não tenho tempo pra ficar fazendo estes curso, que nem fazem nada, né? Porque se a madrinha for boa madrinha não vai ser por causa do curso. Daí a gente preferiu vir aqui”.

F.: “Agora cê imagina, eu trabalho. Tenho um bando de coisa pra fazer. No final do dia, o padre nem ia me aceitar pra ficar lá no curso, ia botar pra fora o endiabrado (risos)”.

Berta, a avó com quem abri este artigo, também falou algo parecido em nossa conversa:

B.: “O padrinho da criança é caminhoneiro. Não tem tempo pra estas coisas de curso, sabe? Daí ficou mais fácil batizar aqui”.

“Pais de primeira viagem”, como se denominaram Wellington e Giselle, motorista e do lar, também ressaltaram este ponto. Para eles, que batizaram acompanhados dos padrinhos – apressados, se recusaram a me dar entrevista e contentaram-se com as falas dos simpáticos pais da criança – e de dois filhos pré-adolescentes, o importante era o batismo, a facilidade era adicional.

W.: “O importante é a criança tá batizada, né, amor? O resto é o resto.”

G.: “Estes negócios de igreja não importa. A gente veio aqui porque era mais fácil, depois descobrimos que tem estes negócios que o padre não aceita. Não entendi direito, mas tá batizado.”

W.: “É, tá em Deus.”

Como fica evidente nestas três falas, é a praticidade do ritual que aparentemente mobiliza a vinda destas pessoas à ICAB. A não necessidade de um curso traz uma facilidade e também viabiliza outros tipos de interpretação que fogem de uma dogmatização deste ritual. Contudo, uma visão razão prática não seria o suficiente para explicar a adesão destas pessoas a este rito, e, como Sahlins bem nos traz, até mesmo a razão prática tem seu simbolismo. Se temos uma resposta primeva do por que se batizar na ICAB, ainda falta responder por que batizar, e o que significa batizar, ou qual a função e o simbolismo do batismo.

Henrique compareceu à ICAB para batizar seus dois filhos de uma vez só. Acompanhava-os dois casais de amigos da família, sua irmã mais velha, a mãe da criança e os avós. Para ele, o batismo reforça determinadas relações sociais:

H.: “Este aqui já é meu cumpadre desde criança. Crescemo junto. E eu sempre falava: ‘quando eu tiver um filho, cê vai ser o primeiro padrinho’. E agora tô aqui para cumprir isto”.

As madrinhas haviam sido escolhidas pela mãe e os padrinhos pelo pai. Em ambos os casos, ele me contou que já eram escolhidos previamente por serem muito amigos, com os quais “passaram grandes dificuldades”. Já haviam escolhido dois outros casais para os próximos filhos, que infelizmente eu não tive a oportunidade de acompanhar em campo, ou preferiram batizar em outra igreja.

José Antônio também levou seu filho para batizar na Paróquia de Santo Expedito. Toda a família escolheu quais seriam os padrinhos, e a escolha se deu por uma relação anterior e já consolidada e por entender que os padrinhos são importantes na formação da criança. Além da amizade, foram decisivos a vida regrada do casal de padrinhos, modelo que seria benéfico para a criança seguir:

J.: “Com meus outros filhos foi tudo assim. Padrinho e madrinha é importante porque se falta o pai e a mãe tem eles pra cuidá também, né? Eles são da família, são gente de casa. Escolhi o Cleiton e a Neusa porque eles criam os filhos deles como eu crio os meus, com educação, gente séria, que sabe ensinar. Bem forte, sabe? Eu crio os meus assim, e quero que sejam criados.”

Lúcio me disse que tinha grande dívida com seu amigo. Este havia tido filho primeiro e convidado Lúcio para ser o padrinho de seu filho. Considerava-se em dívida. Naquele domingo, então, a dívida foi retribuída, assim como a criança foi batizada pelo seu melhor amigo, desde a infância:

L.: “Tem que ser o padrinho, né? Porque se não fosse, ia tá feio o negócio. A gente é muito amigo, muito mesmo. Amigo do peito. Vai pra praia junto, vai pra farra junto, divide casa. Não tinha outro padrinho pra botá.”

Algumas vezes, o casal que apadrinha a criança já faz parte da família. Tem-se a compreensão de que pela função do padrinho ser muito importante é necessário colocar alguém da família. Isto aparece de forma exemplar nas falas de uma madrinha e uma mãe, Elenice e Cleusa, que foram batizar diferentes crianças em diferentes datas:

E.: “Eu queria que a minha irmã fosse a madrinha da criança porque ela já é tia, né? Ser madrinha é importante, daí não pode ser qualquer um. Se já é tia, já ajuda”.

C.: “Eu sou madrinha da minha neta. Já sou avó e madrinha tem que ser gente importante, porque tem que ajudar a criar. Mas aqui eu tô pra batizar a filha de uma conhecida que é minha vizinha. Sempre estamos ajudando uma à outra, e ela quis me agradecer dando a filha pra eu apadrinhar”.

Este uso exemplifica o batismo enquanto criador ou ratificador de laços sociais [11]. Uma parte das falas, também, nos lançam o olhar para um sobrelaço: Elenice é tia da criança e por isto se tornará madrinha, por sua vez Cleusa é madrinha da própria neta. As duas falas enfatizam a importância de uma pessoa que já tenha confiança para dar o batismo. A outra parte das falas nos chama atenção para o reconhecimento de um laço que anteriormente não existia institucionalizado, diferente do laço biológico. O apadrinhamento é aqui um reconhecimento institucional de um laço social tanto entre os pais com os padrinhos, quanto deles para com a criança, este que passa a ter um peso muito semelhante – senão, em muitos casos, igual – ao laço biológico. Ao batizar-se alguém, entra-se numa trama de parentesco simbólico, que pode sobrepor-se ao relacionamento consanguíneo ou reforçá-lo ao criar um sobrelaço. O batismo, nestes casos, remonta a noção de família ao inserir alguém que já partilha de laços ou alguém

que passa a ser institucionalizadamente da família. Estas pessoas usam a ICAB assim como construtora de laços que acabam carregando marcas da igreja em seus cotidianos ao reconhecer nela legitimidade para criar laços ou sobrelaços.

Como Arantes (1975; 1982) ressalta, o compadrio pode ser visto como uma reatualização da noção religiosa de família. O batismo seria, assim, um paralelo com a concepção de Jesus: *pater* e *genitor* estão separados, no qual este assumiria funções sociais e aquele espirituais. Para os padrinhos que já são parentes, ocorre uma união entre estas duas figuras:

No plano das representações religiosas, ao se superpor a relação de “geração espiritual” do filho de ego à sua própria filiação sociológica, através do convite a um dos avós para se tornar padrinho de um neto, trazem-se os vínculos de transmissão de essência mística para dentro da família, produzindo-se uma síntese entre *pater* e *genitor* (espiritual) em que se integram incorporação social e transmissão de essência mística, como constitutivos do princípio mais geral da descendência (Arantes, 1982: 203).

Quando se coloca o compadrio nestes termos, fica claro a importância da escolha dos padrinhos. Não apenas não é qualquer pessoa que deve ser colocada dentro da família, como não é qualquer pessoa que pode assumir tais funções espirituais para com seu filho. Esta lógica também revela também a legitimidade deste ritual para trazer a essência do religioso para a criança e demarcar isto simbolicamente, ou seja, o ritual institui papéis, confere funções, e marca o religioso ou espiritual. Outro grupo de respostas demarca bem isto.

Aparecida, 28 anos, madrinha, me revelou que todos na família eram católicos, dos pais aos avós que haviam comparecido para assistir ao ritual celebrado na ICAB. Permitindo que eu gravasse uma conversa que tivemos, disse-me como interpreta sua experiência religiosa, e como, a partir dela, entende o batismo:

A.: “É porque assim: eu sou de família católica, devota de Nossa Senhora Aparecida. Se eu não fosse batizada, não ia ter Deus, nem Buda, nem santo algum que pudesse me ajudar, entende? Sem ser batizado você não pode procurar os santos porque você não é católico, não tem Deus. Os santos só vão te ouvir depois de você ser batizado. Por isto que é importante batizar a criança”.

H.: “E os padrinhos? O que eles são?”

A.: “Os padrinhos são os pais na graça, entende? Os pais pais mesmo eles ficam cuidando da criança, dão alimento, roupa, estas coisas, não?”

H.: “Sim”.

A.: “O padrinho é a mesma coisa, só que com Deus. A gente tem que formar a criança pra Deus, tem que conduzi-la. Por isto que é importante que os padrinhos não sejam qualquer um”.

H.: “E por que o batismo tem que ser feito na Igreja?”

A.: “Porque só é válido quando é feito por padre. Ele que tem a bênção de Deus pra passar pra gente. Você pode fazer todos os batismos, mas tem que ter o da Igreja, porque se não tiver o da Igreja, você não tem nada, não pode nem fazer os outros batismos”.

Welington foi na semana seguinte a Aparecida batizar seu filho, Gerson. Aqui ressaltamos este trecho da nossa conversa:

W.: “Eu vim batizar minha criança hoje porque já passou da hora. Já tava até preocupado. A gente num tem tempo mesmo, daí nós reúne um pessoal e traz. É importante batizar, né?”

H.: “Por que?”

W.: “Pra ela tá com Deus. Se ela não tiver com Deus, qualquer coisa pode acontecer, daí fica pronto pra qualquer desgraça. Estar com Deus é poder rezar, e daí a gente fica mais seguro”.

“Estar com Deus” é expressão recorrente em outros diálogos com meus interlocutores batizando em campo. O catolicismo é entendido aqui como a possibilidade de entrada na esfera do mundo sagrado, o apriorismo essencial para construir as trajetórias no mundo religioso. Sem ser batizado, ou seja, oficialmente católico, não há Buda, nem Deus, nem santo nenhum vai te ouvir, se é uma pessoa atea. Estas falas e experiências revelam que para eles ser católico é ter a possibilidade de ingresso em um sagrado a partir do qual se torna possível experienciar as religiosidades. Não se trata também de qualquer tipo de religiosidade, ser católico é firmar um pacto de experenciação do mundo a partir de uma matriz moral de pensamento, em um mundo que já existe antes do batismo da criança e os pais ou padrinhos o conhecem. O batismo é o que traz a possibilidade de exercer a fé em forma de religiosidade, ou aqui catolicidade (Sanchis, 2001). É possível que a criança neta de Berta venha a se tornar luterana como a avó, contudo sendo antes católica, pode se apropriar e criar usos do espaço e das religiões a partir de uma matriz de pensamento. Para Aparecida, os padrinhos têm um papel cabal na condução desta doutrinação moral do afilhado. O que quero ressaltar é que o batismo traz a possibilidade de entrar nos catolicismos, e assim construir trajetórias e opções religiosas. É uma ideia de ser católico muito interligada ao catolicismo poroso, e por sua vez, ao sincretismo, entendido aqui como estas interpretações específicas que acabam criando formas específicas, por vezes individuais de se lidar com o sagrado que se perfazem fora da instituição, ao mesmo tempo em que a fazem (Sanchis, 2009, 187). Esta maneira de pensar, “à católica”, fica mais clara em duas experiências que encontrei enquanto fazia campo.

Pedro e Letícia se declaram umbandistas, frequentam ativamente terreiros, e contaram-me que não haviam batizado até então seu filho em uma igreja católica porque acreditavam ser pouco importante, até terem sua atenção retomada:

P.: “Foi quando nosso pai-de-santo lá do terreiro disse que tínhamos que batizar a criança. [...] somos todos católicos. Ser católico é amar ao próximo, é ter Deus no coração. Sem isto temos estas coisas que acontecem no mundo”.

L.: “Vê estas coisas que acontecem no mundo? Estas coisas ruins? É tudo gente que não tem Deus no coração”.

H.: “Então, isto é o batismo?”.

L.: “Não, o batismo te torna católico, ser católico é que faz com que você tenha Deus no coração. Não adianta também batizar e não ter moral nenhuma, né? Não saber o que é o bem e o que é o mal”.

A ênfase que este casal dá no uso do batismo fala sobre um doutrinamento moral, um tipo de pessoa que, com a visão informada por esta matriz de pensamento, poderia usar diferentes espaços sagrados, tal qual a Berta me disse. É a dimensão ética do ser cristão, uma moralidade que permite diferenciar estes espaços e fazer uso deles. Rogério e Flávia são evangélicos, e disseram-me que serem batizados no catolicismo permitiu que tivessem maior discernimento em relação a outros evangélicos:

R.: “Quero que nosso filho saiba bem o que é o bem e o que é o mal e tenha Deus no coração. Deus está onde o bem está, aqui é a casa dele”.

F.: “Tudo que é pro bem é válido. Já batizamos ele na nossa própria igreja, agora viemos batizar no catolicismo para que ele também seja católico”

O que vemos aqui é uma noção do batismo como porta de entrada no mundo religioso. Usa-se não apenas como um ritual de iniciação ao catolicismo, mas à catolicidade, e a partir desta matriz de pensamento, à religiosidade. Para que se componha esta religiosidade, seja ela qual for, é necessário primeiro ter passado por este ritual de iniciação e também reafirma, na noção já retratada, a importância dos padrinhos serem pessoas que passam a ter uma relação diferenciada na família, uma vez que são eles que conduzem a criança na esfera sagrada. O batismo torna-se o legítimo instaurador quando passa a representar o sagrado:

O simbolismo ritual age por si só, mas apenas na medida em que representa – no sentido teatral do termo – a delegação: o cumprimento rigoroso do código da liturgia uniforme que rege os gestos e as palavras sacramentais constitui ao mesmo tempo a manifestação e a contrapartida do contrato de delegação que torna o padre detentor do “monopólio da manipulação dos bens de salvação”; ao contrário, a abdicação de quaisquer atributos simbólicos do magistério, a batina, o latim, os lugares e os objetos consagrados, manifesta a quebra do antigo contrato de delegação

que unia o padre aos fiéis por meio da Igreja. A indignação dos fiéis serve para lembrar que as condições capazes de conferir ao ritual sua eficácia somente podem ser logradas por uma instituição investida de poder de controlar a manipulação destas mesmas condições [grifo do autor] (Bourdieu, 2008, p.93).

O ritual instaura a ordem, consagra lugares e papéis. As instituições só existem por que são aceitas e possuem legitimidade e reconhecimento social, e os rituais são consagrados pelo seu prestígio institucional. A eficácia do batismo na Paróquia de Santo Expedito, visto sob a ótica da teoria bourdiesiana, só ocorre por estar em uma instituição que tem o poder para conferir aos batizados a porta de entrada na dicotomia moral bem e mal e assim de acesso ao sagrado. Apesar disto, ao contrário do que a teoria bourdieusiana propõe, o conteúdo da eficácia deste ritual reside no momento em que ser católico adquire outra concepção, como possibilidade de constituição de religiosidades, e não necessariamente como aderência a uma dada ordem institucional. Ser católico torna-se, neste contexto, praticar a catolicidade antes de se regular a partir de determinados dogmas e filiações institucionais, ser católico é diferenciar o bem do mal e acessar o sagrado com esta dicotomia moral, é experienciar a religião sob esta ótica de visão de mundo.

### Considerações finais

Os usos do batismo na ICAB demonstram que este ritual é polissêmico, aberto à significações. São de diferentes formas, diferentes usos. Contudo, convergem em um ponto: este ritual está instaurando, seja relações sociais, revestidas de caráter cosmológico e familiar, como no caso das pessoas que buscam a ICAB para criar relações; seja como porta de entrada para o mundo religioso, neste caso, instaurando o ser católico que demonstra ser igualmente diverso em seus sentidos, quando, na verdade, recria o próprio catolicismo na noção de catolicidade. 🌐

### NOTAS

\*O autor é formado na Universidade Federal do Paraná em Ciências Sociais. E-mail: [hyagosdelion@gmail.com](mailto:hyagosdelion@gmail.com)

**[1]** Este artigo é parte do capítulo 2 da minha monografia, intitulada *Santo Expedito entre a fé e o afeto: dinâmicas religiosas na Igreja Católica Apostólica Brasileira (Curitiba/PR)*, defendida em 2014 no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná.

**[2]** A Paróquia de Santo Expedito caracteriza-se por ofertar quatro celebrações semanais comuns: às quintas no período da noite, é ofertada a Novena de Santo Expedito. Na sexta, a Novena de São Carlos do Brasil – fundador da ICAB, canonizado pela Igreja Brasileira. Aos domingos, duas celebrações: a missa ordinária matutina, seguida do batismo, e a missa ordinária noturna.

**[3]** As pessoas que frequentam a paróquia podem ser, basicamente, agrupadas em três categorias pela sua forma de participação: os que se definem como católicos brasileiros, os que procuram exclusivamente pela devoção a Santo Expedito, e os que acessam por um rito

específico. Os dois primeiros grupos não são tão homogeneamente separados, muitas vezes confundindo-se, questão que não aprofundarei neste artigo.

[4] De acordo com dados do Censo do IBGE de 2010, os declarantes Católicos Apostólicos Brasileiros somavam 560.781 fiéis, o que representa 0,29% da população nacional. Estes fiéis são distribuídos, ainda de acordo com este Censo, da seguinte maneira : 49% são pardos, 39% brancos ; igualmente divididos em gênero ; 43,5% tem entre 14 e 39 anos ; e são majoritariamente, 79%, urbanos. No Paraná somam 17.161 seguidores. Comparativamente a outros *declarantes*, a ICAB figura a frente de religiões como Candomblé (0,08%) e Umbanda (0,21%). Vale ressaltar também que em comparação aos dados do Censo de 2000, a ICAB obteve o mesmo crescimento que a população nacional, com manutenção de 0,29% nos últimos dez anos, inverso ao caso do Catolicismo Romano que passou de 73% para 64%.

[5] As fontes da história da ICAB são poucas e distribuídas em arquivos que foram de difícil acesso para mim durante a pesquisa. Assim, para esta seção, baseio-me na visão institucional da própria religião acerca da sua história, utilizando o acervo da igreja, juntamente a cartilhas, sites e manifestos que ela mantém.

[6] Lema da ICAB, dado por Dom Carlos.

[7] Isto é fundamental para entendermos a relação que a ICAB estabelece com os seus fiéis: ela surge em um meio político conturbado, como uma igreja que se posiciona contra uma série de dogmas da Igreja Romana, e é fundada por um sacerdote excomungado da Romana.

[8] Algumas paróquias da ICAB usam isto como fator de atração de fiéis e pessoas que procuram estes serviços religiosos. É o caso da paróquia de São Jorge, em Maricá – RJ, em cuja descrição do blog consta a seguinte frase em destaque: “um blog sobre Igreja Católica no Rio de Janeiro onde se realizam casamento de separados e batizados”. Acessado em <http://paroquiasaojorgeicab.blogspot.com.br/>.

[9] Dos batismos que assisti durante o período de campo, apenas dois eram com adultos. Sendo assim, assumo “criança” como sinônimo de quem é batizado, apenas por uma questão linguística.

[10] Os trechos citados são os seguintes : “O Senhor é o pastor que me conduz / Nada me pode faltar / 1. O Senhor é o pastor que me conduz / Não me falta coisa alguma / Para as águas repousantes me encaminha / E restaura as minhas forças. / 2. Ele me guia no caminho mais seguro, / Pela honra de seu nome. / Mesmo que eu passe pelo vale tenebroso, / Nenhum mal eu temerei. / 3. Preparais à minha frente uma mesa, / Bem à vista do inimigo, / E com óleo vós ungis minha cabeça; / O meu cálice transborda. / 4. Felicidade e todo bem hão de seguir-me / Por toda a minha vida; / E, na casa do Senhor, habitarei / Pelos tempos infinitos.” , Salmo Responsorial, 22.

“1. Ora, havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus / 2. Este foi ter com Jesus, de noite, e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo de Deus; pois ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. / 3. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. / 4. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer? / 5. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. / 6. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” Jo, 3 :1-6.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EdUSP, 2008.

CAMPOS, R. C. B.. “Interpretações do catolicismo: do sincretismo e do antissincietismo na/cultura brasileira”. In TEIXEIRA, F.; MENEZES, R.(Org.). **Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009, pp. 135-150.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano. As artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, C. D. “Manifesto à nação: Igreja Livre no Estado”. **Mensageiros de Nossa Senhora Menina**. São Paulo: 18 de agosto de 1945, pp. 56-60.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HÉRVIEU-LEGER, D. **O peregrino e o convertido: religiões em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOORNAET, E. **Formação do catolicismo no Brasil: 1550 – 1800**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **História do catolicismo na América Latina e no Caribe**. Curitiba: Paulus, 1994.

IGREJA Católica Apostólica Brasileira. **História** Disponível em: <http://www.igrejabrasileira.com.br/Historia.html>. Acesso em 2 de março de 2013.

\_\_\_\_\_. **Manifesto à Nação II**. [s.l./s.n.], 2013.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia Estatística. Banco de dados agregados. **Banco de dados agregados**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de agosto de 2012.

LION, H. S. **Santo Expedito entre a fé e o afeto: dinâmicas religiosas na Igreja Católica Apostólica Brasileira (Curitiba/PR)**. 2014. 153f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MENEZES, R. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

\_\_\_\_\_. “Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção”. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R.(Org.). **Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009, pp. 109-134.

\_\_\_\_\_. “Uma visita ao catolicismo brasileiro contemporâneo: a bênção de Santo Antônio num convento carioca”. In PEREIRA, J. B. B. (org.). **Religiosidade no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2012, pp. 37-54.

NETO, A. A. A. “Pais, padrinhos e o Espírito Santo: um reestudo do compadrio”. In **Colcha de retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 193-204.

\_\_\_\_\_. “A sagrada família: uma análise estrutura do compadrio”. **Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, nº5. Campinas: Unicamp, 1975.

RUMSTAIN, A.; ALMEIDA, R. de. “Os católicos no trânsito religioso”. In: **Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009, 31-56.

SANCHIS, P. “Perspectivas antropológicas sobre o catolicismo”. In: **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 181-206.

\_\_\_\_\_. “A religião dos brasileiros’: passagem de milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira”. **Teoria & Sociedade**. Belo Horizonte: UFMG, 2003, 16-51.

\_\_\_\_\_. “Religiões, religião: alguns problemas de sincretismo no campo religioso brasileiro”. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, pp. 9-57.

\_\_\_\_\_. “Uma ‘identidade católica’?”. **Comunicação Iser**, 5 (22). Rio de Janeiro: 1986, pp. 5-16.

Recebido em 30/03/2014

Aprovado em 12/03/2016